



REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE EXPERIÊNCIA COM CINEMA E LITERATURA

João Diego Leite¹

RESUMO

O cinema tem sido uma ferramenta muito utilizada, principalmente como elemento lúdico, nas salas de aula. Ainda carecem de estudos abordando seu uso como método pedagógico nas aulas de literatura, e, quando isso ocorre, dá-se costumeiramente de forma ilustrativa. Partindo das reflexões de Napolitano (2013), Lobo (2005), Fantin (2007) e Duarte (2002), objetiva-se analisar os estudos presentes sobre o uso de cinema e obras ficcionais como ferramenta pedagógica em aulas de literatura. Trata-se de um estudo qualitativo, feito por meio da leitura e análise de artigos sobre a temática do cinema utilizando os descritores: cinema; literatura; educação. Foram encontrados 15 artigos. Após a triagem dos estudos, excluímos os que não utilizaram obras ficcionais e os que utilizaram o cinema apenas como elemento lúdico. Ao todo, foram selecionados 3 artigos.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Educação. Metodologia de Ensino.

1 INTRODUÇÃO

É um fato a presença do cinema nas aulas de literatura e língua portuguesa. Os livros didáticos indicam filmes como complemento do aprendizado e os professores usam adaptações, como ilustração do cânone clássico da literatura brasileira. A lei Nº 13.006, de 26 de junho de 2014, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, tornou o cinema nacional componente curricular complementar, sendo a exibição obrigatória de, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

¹ Acadêmico do curso de Formação Pedagógica em Letras, no Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como requisito para a conclusão de curso.



A BNCC (BRASIL, 2018) impôs o aprendizado sobre outras linguagens, o estudo sobre contextos, a hipermídia e hipertextos como uma das funções da área de linguagens-língua-portuguesa. Os estudantes também devem compreender o funcionamento das diferentes modalidades de comunicação e produção cultural, em suas práticas sociais. É tarefa da escola, também, estimular o pensamento crítico, como descreve a BNCC (BRASIL, 2018).

Por força de lei ou por qualidade estética, o filme é uma ferramenta que serve a muitos fins pedagógicos, mas nem sempre temos claro os objetivos atingidos ou se a ferramenta é utilizada de maneira adequada. Com base nessas evidências, o artigo pretende refletir sobre o uso do cinema nas aulas de literatura. O objetivo principal é entender como o cinema pode ser utilizado de maneira integrada à literatura, ocupando uma função de coprotagonista no ensino, não de figurante ou coadjuvante. De forma secundária, objetiva entender como o filme ajuda no ensino de literatura e como reflete no estímulo à leitura.

Partindo desses questionamentos, foi realizada busca ativa na base de dados Scielo e por artigos independentes e não indexados, com as palavras-chave. Foram incluídos artigos em português com descrição de experiências de trabalho com cinema e literatura em sala de aula. O recorte proposto busca analisar os caminhos percorridos por educadores para relacionar as duas artes com um fim pedagógico dentro dos objetivos já expressos. A inclusão e seleção dos artigos foi guiada pelos critérios de trabalho com filmes de ficção, tanto de entretenimento como arte, quais os critérios de escolha são o ensino de literatura. Incluídos os relatos de experiências ou com propostas de trabalho. Optou-se pelos filmes além da adaptação de algum clássico da literatura, por acreditar na importância do ensino da literatura e da arte em geral, como fruição. Restringindo-se aos textos com experiências relacionadas ao ensino básico, tanto fundamental como médio, normal ou educação de jovens adultos. Excluiu-se trabalhos com ensino superior, artigos não relacionados à língua portuguesa ou com documentários.



Após a coleta dos artigos, foi realizado o processo de análise do material. Uma abordagem qualitativa foi utilizada para uma revisão bibliográfica integrativa. Inicialmente foi identificado e catalogado os artigos por níveis de ensino, fim pedagógico e a experiência de ensino com o filme. Em seguida, foram analisadas as motivações e escolhas de cada autor em relação a sua proposta. Feito isso, buscou-se sintetizar as experiências relatadas e construir um guia metodológico para o trabalho com cinema e literatura.

A partir dessa análise, este artigo nasce com a necessidade de entender, por meio de uma revisão integrativa, como o cinema pode ser utilizado de maneira orgânica no ensino da literatura. As seções, a seguir, buscam contemplar as respostas a questionamentos aqui apresentados.

Cabe ainda destacar que o objetivo principal do artigo é refletir sobre cinema nas aulas de literatura. Reunimos as experiências diversas para formar um artigo que professores e estudantes possam utilizar como guia para aulas ou para produção de novos estudos.

2 O PAPEL DO PROFESSOR

Unir o cinema e a literatura na sala de aula é a oportunidade de primeiro contato dos alunos com duas linguagens, dois códigos, duas formas de comunicar e de fazer arte. Unir o filme e a literatura unifica o trabalho de leitura do texto e do vídeo, pois é a possibilidade de formação de leitores e espectadores críticos.

Nesse sentido, não cabe ao professor ignorar as informações trazidas de fora por intermédio dos meios de comunicação, mas sim usufruir de tais informações e incorporá-las de forma ativa e construtiva, no intuito de dinamizar o processo de ensino aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor é estabelecer com o aluno, relações indispensáveis entre os conteúdos adquiridos na escola e as “leituras” do cotidiano. (KLAMER, et al. 2006, p. 5)

A sétima arte não pode ser tratada como uma ferramenta auxiliar ou de segunda mão. A escolha dos filmes deve priorizar o exercício do olhar e a crítica do aluno para todas as formas possíveis de expressão da linguagem



cinematográfica. Isso inclui, o entretenimento. O planejamento de qualquer atividade deve sempre ter, como um dos principais critérios, o gosto do aluno. Trabalhar com o cinema, não é apenas passar um filme.

Trabalhar com o cinema em sala de aula ajuda a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2013 p.14)

Incluir o cinema no trabalho pedagógico em sala de aula é uma forma de conceder alguma dinâmica à monotonia das aulas tradicionais, onde o professor expõe o assunto, os alunos ouvem, anotam. Uma aula presa aos livros e ao caderno, sem nenhuma experiência extraclasse. Logo, a hora do filme, não pode apenas preencher as lacunas do planejamento pedagógico. É preciso compreender que, infelizmente, não existem soluções mágicas. Como sublinha Napolitano (2013), o uso do audiovisual não irá resolver a crise do ensino escolar, nem pôr fim ao desinteresse pela palavra escrita.

A compreensão do papel do professor e da escola, como também do cinema na educação, inibe a busca por soluções mágicas e nos coloca com os pés no chão. Tão importante quanto a estrutura escolar é o papel do educador para o desenvolvimento de atividades relacionadas com cinema e educação.

Afinal, a escolha do filme, a preparação da atividade e a elaboração de um planejamento é trabalho do educador. Segundo Napolitano (2013), mesmo o professor intervindo pouco no momento de exibição é ele quem pode ajudar os estudantes na compreensão da obra. É ele quem também pode apresentar novos olhares, além do cinema comercial. “[...] fazendo a ponte entre a emoção e razão de forma direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/imagem do filme com o conteúdo escolar. este é o desafio” (NAPOLITANO, 2013, p.17).

2.1 EDUCAR COM E PELO CINEMA

Segundo Fantin (2007), podemos educar para o cinema e educar com o cinema. “Isso implica entender o cinema na escola como instrumento através do qual se faz educação e como objeto temático de intervenção educativa



através da leitura, da interpretação, da análise e da produção de audiovisuais” (FANTIN, 2007, p. 4).

Enquanto Fantin fala de duas possibilidades, Lobo (2005) lista três: ensinar com o cinema, ensinar o cinema e ensinar pelo cinema. Ensinar com o cinema, o filme seria uma ilustração, um documento social ou histórico; ensinar o cinema seria a obra com propósitos pedagógicos; pelo cinema seriam os filmes resultado de uma linguagem e história específicas.

Além disso, a obra precisa de articulação com os conteúdos escolares e planejamento pedagógico. Napolitano (2013), apresenta três possibilidades de articulação: conteúdo curricular, habilidades e competências e conceitos. A primeira possibilidade trata o filme dentro de uma disciplina, aqui o filme é um gerador de debate; a segunda possibilidade utiliza o filme para desenvolver habilidades e competências, como, por exemplo, leitura e elaboração de texto ou compreensão de narrativas e desenvolvimento criativo. A terceira possibilidade aproveita as ideias dos filmes e articula debates, o cinema seria um motivador de projetos e atividades, que o professor pode realizar.

Ao ter claro as possibilidades, é preciso tratar das limitações, a começar pelas questões técnicas. Apesar da evolução da tecnologia, ainda hoje algumas escolas não têm projetor, nem equipamento de som ou, mais importante, um auditório. Trabalhar com cinema em uma escola privada é muito diferente de trabalhar em uma escola pública. Isso não quer dizer que o trabalho seja impossível, mas o professor deve sempre ter em mente as dificuldades presentes para o desenvolvimento das atividades.

Além de todos esses problemas, existe a falta de formação e capacitação dos professores para lidarem, não só com o cinema, mas com as novas tecnologias. Devido a isso, os educadores precisam possuir um conhecimento autodidata. O professor deve ingressar no mundo dos cinéfilos, como afirma Duarte (2002). Ele precisa conhecer a história do cinema, ver filmes consagrados, aprender o vocabulário adequado.

Para além das possibilidades e limitações de natureza pedagógica e técnica, existe o problema do espaço no qual o filme de ficção é exibido. O espaço escolar carrega uma significação diferente da sala de cinema, mesmo



sendo um auditório ou lugar mais preparado. Como destaca Fantin (2007), a obra troca de pele, ao ser apresentada na escola. O fim da obra de arte é ser apresentada em seu meio, a sala de cinema, com o objetivo de ser fruída, não ser parte do conteúdo escolar. Justamente por isso, podemos não conseguir atingir nossos objetivos com o filme. Uma obra de arte e entretenimento, ao ser exibida na escola, pode perder ou mudar sua forma de apreciação. Por isso, o professor deve ter o planejamento e o conhecimento necessário para trabalhar o filme da melhor forma o possível.

2.2 POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Após compreender as limitações e possibilidades, partindo de Fantin (2007) e Napolitano (2013), o professor precisa esboçar uma metodologia e isto é, pensar nas formas de integrar o cinema em sua disciplina. Um ponto de partida pode ser o entendimento da sétima arte como um agente de socialização (FANTIN, 2007, p. 3). A sala de exibição, mesmo na escola, é uma possibilidade de reunir os alunos, possibilitando um encontro com diferentes culturas, línguas, histórias e, em alguns casos, com eles mesmos. As narrativas dos filmes, as diversas representações fílmicas e os múltiplos imaginários são o atrativo a ser trabalhado.

Esse encontro é uma forma de criar um ambiente cultural que ajude a despertar o interesse, mas principalmente, a curiosidade dos alunos.

Do mesmo modo como temos buscado criar, nos diferentes níveis de ensino, estratégias para desenvolver o interesse pela literatura, precisamos encontrar maneiras adequadas de estimular o gosto pelo cinema. Neste caso, gostar significa saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive. Para isso é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente que essa prática seja compartilhada e valorizada. (DUARTE, 2002 p. 89)

O professor é quem deve conduzir os olhares dos estudantes para a arte cinematográfica, apresentar filmes, que vão além do entretenimento. Isso deve ser feito sem chocar, como explica Napolitano (2013), nem todos os olhares



estão maduros para todas as obras, assim como nem todos os leitores estão prontos para todos os livros. A escola pode ajudar a produzir leitores e espectadores críticos, mas para isso é preciso planejamento. Como nas aulas de literatura, deve-se aproveitar os gostos dos estudantes para introduzir filmes clássicos.

A identificação nunca deve ser esquecida (NAPOLITANO, 2013), não precisamos de um estudo para saber o quanto gostar de algo nos motiva a querer saber mais sobre. Logo, para a escolha do filme, deve-se pensar também o quanto os estudantes se identificariam com a obra.

O gosto do aluno deve sempre ser levado em conta, não pode-se exibir um filme, sem antes conversar com a turma, sem um mínimo conhecimento sobre como os estudantes receberão a obra. O cinema nacional tem obras de grande prestígio artístico baseadas em nossa literatura, mas quando exibimos *Macunaíma*, *Vidas Secas* ou *Eles Não Usam Black-tie*, pensamos na fruição ou no gosto dos estudantes? Não basta ser o mediador é preciso também entender o gosto.

2.3 ANÁLISE DAS PROPOSTAS

Após compreender a necessidade de uma metodologia para o trabalho com cinema e literatura, falta agora analisar os artigos, que exemplificam o modo mais adequado de relacionar as duas artes. Os textos aqui selecionados descrevem formas como: ilustração, adaptação, releitura e o gênero drama.

Estudantes ou professores já tiveram contato com a forma de ilustração, talvez a mais utilizada. O professor utiliza aqui o filme para ilustrar o conteúdo.

Ficar somente no plano ilustrativo pode ser excessivamente objetivante e, assim, negligenciar possibilidades mais substanciais, de ampliações contextuais e subjetivas que cercam cada fenômeno. (CASTRO, et al, 2020, p.21)

É sedutor ao professor mostrar em um filme, os assuntos tratados em um livro. O cinema consegue apresentar visualmente personagens, lugares e tornar nossa imaginação próxima ao real. E esse é o perigo, afinal o filme



adapta e representa, reinterpreta, mas não é a obra original. Todos os filmes baseados na literatura são novas obras com referências literárias. Utilizar o filme como ilustração abre possibilidades de interpretações ambíguas, quando não bem trabalhadas pelo professor. Por isso, deve-se sempre entender a obra fílmica como uma adaptação de forma e conteúdo.

Diferente da ilustração, o conceito de adaptação exclui as possibilidades de ambiguidades. De acordo com Silva et al (2021, p. 228), a adaptação não é uma replicação, o texto não é transposto para tela, nem poderia, como transpomos uma linguagem artística para outra? O texto provoca a imaginação, a visão de mundo e sentimentos. Ao ler um livro somos provocados a imaginar os cenários, personagens e toda a narrativa. As imagens e sons de um filme são trabalho coletivo, mas desenvolvido a partir da perspectiva de um cineasta. No cinema tudo nos é dado de forma audiovisual, enquanto na literatura precisamos buscar por meio da leitura e nossa imaginação.

Pensar o filme como adaptação é pensar na reinterpretação, em um discurso, como descreve Silva et al (2021, p. 228) “mantém perceptíveis sintonias com a obra que adapta, todavia sustenta em si independência semântica a ponto de converter-se numa obra autônoma”.

O trabalho do educador com a adaptação literária pode ajudar os estudantes a compreender a interpretação e a decodificação da linguagem, seja a escrita ou o vídeo. É a oportunidade de ajudar na formação crítica de leitores e espectadores.

2.4 RELEITURA E ADAPTAÇÃO

Diferente da noção de adaptação descrita acima, a releitura modifica a obra original, podendo inverter a posição de personagens, os papéis, seus gêneros e o desfecho. A releitura pode, em alguns casos, se afastar da obra original e utilizar o texto como inspiração para uma nova trama. O artigo

analisado aqui, pretende tratar da contribuição do cinema, “para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem do aluno em sala de aula” (EVANGELISTA e CALZAVARA, 2016).



O estudo propõe uma leitura e interpretação de uma obra clássica da literatura infantil, *A Bela Adormecida*, e sua adaptação para o cinema por meio do filme *Malévola*. Aqui, as autoras unem o clássico com o moderno. Essa proposta é interessante, pois tenta aproximar os estudantes da literatura por meio do cinema e de obras conhecidas do senso comum.

Segundo Evangelista e Calzavara (2016), o trabalho foi organizado por meio de uma sequência didática. Antes da aplicação foram feitos estudos prévios e a atividade foi realizada em seis aulas. Como já escrito no início do artigo, é preciso ter claro nosso objetivo com o cinema. O professor deve preparar o público para exibição do filme, mas também mediar e contextualizar as obras. Tudo orientado pelo gosto dos alunos. Vejamos a descrição das autoras sobre o planejamento:

Foram utilizados como material de apoio para a presente pesquisa livros didáticos e filmes produzidos sobre o conto de fadas “A Bela Adormecida”, com o objetivo de avaliar de forma continuada a aprendizagem nas aulas de literatura e tendo como principais os livros clássicos da literatura infantil referentes à história infantil supracitada e como recurso tecnológico a mídia cinema. (EVANGELISTA e Calzavara, 2017, p. 216).

De acordo com as autoras Evangelista e Calzavara (2016), os alunos se sentiram estimulados a buscar a história original e conhecer os contos de fadas, após assistirem o filme. O artigo é flexível quanto ao gênero do filme, trabalha com o gosto dos alunos e desenvolve uma metodologia relacionando literatura e cinema.

Em outro artigo, Martins et al (2017) relata uma aproximação feita com o trailer do filme *Rei Leão* da Disney e a leitura de *Hamlet* de Shakespeare. Esses exemplos servem como modelos de trabalho para os professores relacionarem a literatura e o cinema, partindo do gosto do estudante, de sua realidade.

2.5 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de um estudo qualitativo (SEVERINO, 2007) desenvolvido no segundo semestre de 2021. A pesquisa foi realizada por meio



de uma busca ativa por artigos que utilizassem a temática: cinema como ferramenta pedagógica para o ensino de literatura, através dos descritores: cinema; educação; literatura. Na base de dados SciELO e de forma independente por artigos não indexados. Partindo da análise dos estudos de Napolitano (2013), Lobo (2005), Fantin (2007) e Duarte (2002) foi realizada a triagem dos artigos

Após a busca foram encontrados 15 artigos entre os anos 2005 e 2021. Dentre eles, 12 foram excluídos por atenderem os critérios de exclusão. Restando os estudos de Evangelista e Calzavara (2016), Martins et al (2017), SILVA et al, (2021). A inclusão dos artigos considerou o critério da fruição, do gosto dos estudantes. Também foram adicionados à pesquisa textos com relato

A exclusão foi motivada pelo recorte específico do objetivo da pesquisa. Primeiramente, os artigos deveriam tratar de filmes ficção. Considerando que, o ensino do cinema, como o ensino da literatura deve priorizar o gosto. Partindo desse argumento e relacionando o objetivo da pesquisa foram incluídos artigos quais os objetos de estudo eram obras de ficção, artísticas ou de entretenimento.

Foram assim excluídos por meio de leituras todos os resumos tratando de documentários. Também foram dispensados os textos tratando de filmes como meio de ensino do cânone da literatura nacional. Essa exclusão ocorre por dois motivos: alguns educadores ao exibirem um filme nacional, não costumam escolher os filmes motivados pelo gosto e a obra é utilizada como meio de tratar de um livro que os estudantes não leram e, talvez, não queiram ler. Essa percepção foi criada de acordo com a maneira como alguns professores tratam a literatura nacional. Além disso, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* (Souza, 2021), $\frac{1}{3}$ dos brasileiros rejeitam o filme nacional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades de uso do cinema como recurso para o ensino de literatura são maiores que as limitações. Cabe às instituições de ensino formar



os educadores e fornecer as estruturas necessárias. Melhor que um filme em uma TV, seria um auditório com projetor e som adequados. Afinal, os professores com ou sem recursos estão trabalhando com o filme em sala de aula. Todos os dias lemos sobre a necessidade de atualização da escola, mas vemos muito pouco dessa atualização na prática.

Como a leitura, ver é um exercício, qual a escola pode estimular. As aulas de literatura são apenas uma possibilidade das quais os educadores podem trabalhar a sétima arte. Como frisa Klamer et al (2009), a escola não é mais o único detentor do conhecimento ou da informação, isso não retira o papel da escola, mas propõe novos desafios. Revela a necessidade [...] de uma ação pedagógica associada aos muitos canais de comunicação existentes no cotidiano dos alunos, dentre os quais inclui o cinema (KLAMER et al. 2006)

Como explica Prette (2008) o cinema é arte total, une música, teatro, poesia em apenas uma obra. Além disso, tem a possibilidade de evocar o realismo, como descreve Aumont (2009), o filme pode recriar na tela um evento, simular espaço, reconstruir ações e sons de forma quase real.

E nisso tudo há a leitura. Em relação a ela, é necessário que se compreenda que não se lê apenas um texto verbal e sim que se deve ler o mundo, o céu, o dito e o não dito, também a imagem, no Letramento Visual, no sentido de que nessa prática de letramento importa, juntamente com o verbal, a oralidade, a musicalidade, as imagens, sejam elas estáticas ou em movimento (SOUZA; CALHEIROS, 2021, p. 13)

Não se trata o cinema como uma ferramenta de segunda mão, mas em pé de igualdade com a literatura. Atividades com filmes podem motivar os estudantes a conhecerem, outras obras, outros cineastas além dos hollywoodianos. Ao passar o filme para ensinar cinema, em uma sociedade cada vez mais dominada pela imagem, formar espectadores críticos deveria ser também uma tarefa da escola. Logo, ao invés de se pensar objetivos não alcançados, talvez devêssemos olhar para as imensas possibilidades do cinema e da literatura.

Como afirma Fantin (2007), o cinema é um instrumento que difunde costumes e formas de vida de diversos grupos sociais, um difusor do patrimônio cultural da humanidade (FANTIN, 2007, p. 4). Trabalhar o diferente



com os alunos é uma forma de despertar a curiosidade e isso pode ajudar no estímulo (Marcelo et al, 2021) e o interesse (ROSSETTI e Bernardi, 2017) pela leitura podem ser despertados, seja por livros, revistas, jornais ou sites na internet. “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2009, p.16). Nosso objetivo, como nosso método, não deve cobrar resultados imediatos, nem sermos rígidos. A escola deve apresentar a sétima arte aos alunos, pois tão importante quanto provocar o interesse pela leitura é o enriquecimento cultural do alunado.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques e Marie, Michel. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. 5ª Edição. Campinas: Papyrus, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CASTRO, Gilmar et al. Percepções de professores de Ensino Médio sobre o uso educacional do cinema. **Revista Ciência & Idéias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2020.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2002.

EVANGELISTA, Josiane Luiza; Calzavara, Rosemari Bendin. **Cinema e Literatura: do Clássico ao Moderno**. **Revista Ensino Educação e Ciências Humanas, Londrina**. V. 17 n. 3, p. 216-219. 2016.

FANTIN, Mônica. **Mídia- Educação e Cinema na Escola**. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez. 2007.

KLAMMER, Celso Rogério et al. **Cinema e Educação: Possibilidades, Limites e Contradições**. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de História Cultural, 2006, Florianópolis: UFSC. p. 872-882. 2006.

LOBO, Graça. **Por dentro do filme – o cinema na sala de aula**. **Revista Recenso**. p.353-360, 2005

MARTINS Et al. **Cinema e Literatura, Do erudito ao contemporâneo: A arte de adaptar na sala de aula**. 2017. Disponível:



https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2017/TRABALHO_EV100_MD1_SA9_ID181_29112017171159.pdf

MELLO, Franciele Soares de; Mokva, Ana Maria Dal Zott; Confortin, Helena. **Cinema Nas Escolas**. Erechim. V. 38, n. 144, p.75-83, Dezembro. 2014

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. 5º Edição, São Paulo, Contexto, 2011.

PRETTE, Maria Clara. **Para Entender a Arte**: História, Linguagem, Época e Estilo. São Paulo: Editora Globo S. A., 2008.

ROSSETTI, Regina; Bernardi, Sueli Fernandes Ferreira. **Cinema na Educação. Uma forma de compreender literatura brasileira no Ensino Médio**. ECCOM, São Paulo, v.8, n. 15, p. jan./jun. 2017

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Edição e 5ª reimpressão. São Paulo: Cortez Editora, 2010

SILVA, Marcelo de Jesus da et al. **Cinema e ensino: estratégias de leitura literária a partir do uso de adaptações cinematográficas**. CLARABOIA, Jacarezinho, n.16, p. 225-241, jul./dez, 2021.

SOUZA, Cláudia Calheiro de; Azevedo, Gilmar de. **Letramento literário-cinematográfico: da teoria à ação para o Ensino Médio**. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1404>. Acesso em: 17 de setembro de 2021